

João Veloso

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto;*  
*Centro de Linguística da Universidade do Porto;*  
*(Unidade de I&D da FCT n.º 22/94); jveloso@letras.up.pt*

## Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: onde reside a “irregularidade”?

### 1. Introdução

Em gramáticas descritivas tradicionais e/ou históricas do português – como, p. ex., as de Vázquez Cuesta & Luz (1971: 373, 374-375) e Cunha & Cintra (1984: 181-183) –, é frequentemente referida, no âmbito da apresentação da flexão nominal, uma aparente exceção verificada com os nomes ortograficamente terminados em “-ão”. Citando uma regularidade consignada no âmbito da tradição gramatical que postula que a formação do plural nominal do português se processa, na maior parte dos casos, através da posição do morfema de plural (/s/) à forma do singular dos nomes (Vázquez Cuesta & Luz, 1971: 373; Cunha & Cintra, 1984: 181), tais descrições da língua apresentam como um procedimento excepcional e irregular o verificado com os nomes que no singular terminam no ditongo nasal [ẽw̃]<sup>1</sup>, aos quais correspondem três terminações distintas no plural: [ẽw̃j] (exº: “irmão - irmãos”), que obedeceria à referida “regra”, *vs.* [õj] (exº: “discussão - discussões”) e [ẽj] (exº: “alemão - alemães”), que configurariam exceções (já que, no plural, a forma de superfície do singular não é integralmente mantida antes de /s/).

Em obras de pendor mais histórico – como a já citada gramática de Vázquez Cuesta & Luz (1971) e os estudos de Vasconcelos (1966) e Teyssier (1980) –, regista-se a tentativa de fazer corresponder esta “discrepância” entre a terminação singular [ẽw̃] e as terminações plurais [ãw̃j], [õj] e [ẽj] a uma regularidade do latim entretanto perdida na

---

<sup>1</sup> [ẽw̃] é, ao nível fonético, a realização do ditongo decrescente nasal ortograficamente representado por “-ão” na maior parte dos falantes dos dialectos centro-meridionais do português europeu. Junto dos falantes dos dialectos setentrionais, é possível encontrar outras realizações (o que constitui, de resto, uma das marcas individualizadoras de tais normas dialectais), como reconhecido, p. ex., em Cintra (1971: 133), Vázquez Cuesta & Luz (1971: 61), Teyssier (1980: 47) e Ferreira *et al.* (1996: 495). Voltaremos a esta questão na parte final da secção 3 deste texto.

história do português. De acordo com Vasconcelos (1966: 131 e ss.), Vázquez Cuesta & Luz (1971: 247-248, 374-375) e Teyssier (1980: 45-47), cada uma destas três terminações plurais do português descenderia de uma de três terminações latinas distintas, correspondentes estas últimas a três terminações singulares igualmente distintas. Assim:

- a correspondência [ẽw̃]/[ẽw̃j] proviria da correspondência latina *-anum/-anos*, como lat. “*germanum - germanos*” → port. “*irmão - irmãos*”;
- a correspondência [ẽw̃]/[õj] proviria da correspondência latina *-onem/-ones*, como lat. “*leonem - leones*” → port. “*leão - leões*”;
- a correspondência [ẽw̃]/[ẽj] proviria da correspondência latina *-anem/-anes*, como lat. “*panem - panes*” → port. “*pão - pães*”.

Esta explicação diacrónica afigura-se, à luz dos conhecimentos contemporâneos, discutível (se não mesmo insatisfatória), dado que, para além do argumento teórico que nos impede de ver na diacronia a única explicação para factos atestados na sincronia, é possível encontrar um número significativo de casos não explicáveis por causas de natureza exclusivamente histórica. Conforme é posto em destaque, entre outros, por Câmara (1967: 1312; 1970: 75; 1971: 60, 61), o padrão [ẽw̃]/[õj] acabou por se impor como o mais frequente na formação dos plurais destas palavras **independentemente da etimologia**, como demonstrado pela sua aplicação a nomes de origem não-latina (ex<sup>os</sup> do próprio autor, em Câmara (1970: 96): “*alazão - alazões*” e “*gavião - gaviões*”) e pelas palavras com singular [ẽw̃] que admitem mais do que uma das três terminações plurais em apreço (cf. os exemplos listados em Cunha & Cintra (1984: 183), de entre os quais seleccionamos, a título ilustrativo, os seguintes: “*aldeão - aldeãos - aldeões - aldeães*”; “*hortelão - hortelãos - hortelões*”). Estes casos demonstram, precisamente, a insuficiência, para a compreensão da formação do plural destas palavras, de uma explicação exclusivamente diacrónica e baseada no latim, justificando-se, por conseguinte, a busca de uma explicação alternativa, de natureza *sincrónica*, para os mesmos<sup>2</sup>.

Será então nosso objectivo, nas páginas que se seguem, problematizar alguns aspectos tradicionalmente associados a estas palavras e discutir algumas questões essenciais da sua estrutura interna (fonológica e morfológica).

Mais concretamente, serão objectivos específicos deste estudo:

- determinar qual a *forma teórica* destas palavras a partir da qual se processa a sua flexão de número, com um destaque particular para a especificação da última vogal do radical flexional e a pertença destas palavras a uma classe temática;
- demonstrar que, a haver alguma *irregularidade* associada à flexão de número destas palavras, ela é mais aceitável nas formas do singular do que nas do plural.

<sup>2</sup> No tocante a este aspecto em particular, tenhamos em consideração as seguintes observações de Câmara (1967):

It is also inexact to assert that only historical grammar is able to give us a theoretical explanation of these plural patterns, by focusing on the singular and plural Latin accusatives and bringing to the fore the phonetic laws that for Portuguese have worked there.

Synchrony has its theoretical explanation too for those Portuguese plural patterns. It does not explain their origin, of course, for this is the task of a diachronic study; but it explains their morphological relations within the Portuguese grammatical system.

(Câmara, 1967: 1312)



tos essenciais da descrição da morfologia do português encontrada em Câmara (1970; 1971) são, resumidamente, os seguintes:

- tal como nos verbos, a VT é um elemento sem realização fonética obrigatória na forma de superfície das palavras (Câmara, 1970: 69-76, 81-96; 1971: 47-64), estando sujeita a um número significativo de fenómenos de alomorfia e apagamento morfológicamente motivados;
- a forma nominal em que a VT é mais estável – isto é, em que é menos sujeita a tais fenómenos e em que, concomitantemente, encontra uma frequência de realização quase obrigatória – é a do masculino plural (ou, nas palavras sem masculino, a forma de feminino plural) (cf. Câmara, 1970: 86). Nestas formas, a VT é a que se encontra imediatamente à esquerda da realização de superfície do morfema de plural (/s/). Exemplos: “*professores, alunos, artistas, rosas*”. Efectivamente, as propostas gramaticais de Câmara (1970; 1971) definem como padrão geral da flexão nominal de género<sup>5</sup> e número em português a manutenção sistemática da VT nas formas do masculino plural e a possibilidade da sua supressão, em algumas classes paradigmáticas, nas restantes formas (Câmara, 1970: 89 e ss.; 1971: 63-64);
- assim sendo, são identificáveis em português três vogais temáticas nominais, prevendo-se ainda que alguns nomes sejam privados de VT, o que permite a repartição de todos os nomes pelas quatro classes temáticas seguintes<sup>6</sup> (Câmara, 1970: 86, 91, 95-96; 1971: 52, 60-61, 63, 64):
  - (i) nomes de tema em *-o*. São aqueles que, no masculino plural, exibem um “*-o*” (foneticamente [u] em português europeu (PE)) antes do morfema de número. A vogal temática está presente também nas formas do masculino singular, sendo suprimida nas formas do feminino (“*o menino - a menina - os meninos - as meninas*”);
  - (ii) nomes de tema em *-a*. São os que, no masculino plural (ou no feminino plural, na falta da primeira forma), apresentam um “*-a*” ([ʌ] na realização fonética em PE) antes do morfema de número (“*o flautista - a flautista - os flautistas - as flautistas*”);
  - (iii) nomes de tema em *-e*. Integram esta classe temática os nomes que no masculino plural (ou no feminino plural, no caso de nomes cuja flexão não preveja formas masculinas) contemplam um “*-e*” antes do morfema de plural. Esta vogal é geralmente realizada na maior parte dos dialectos do PE como [i] (ou, devido ao apagamento a que a vogal alta central é frequentemente sujeita nesta língua, como Ø) (“*o senhor - a senhora - os senhores - as senho-*

<sup>5</sup> Em Câmara (1967; 1970; 1971), bem como na generalidade das descrições gramaticais tradicionais do português, o género nominal corresponde a uma categoria flexional, contrariamente a propostas mais recentes, como as de Villalva (2000: 218 e ss.) e Mateus *et al.* (2003: 927 e ss.), que consideram que as oposições de género realizam, nesta língua, “[...] uma categoria morfo-sintáctica cuja especificação é lexicalmente determinada ou resultante da intervenção de um processo morfológico não-flexional” (Villalva, 2000: 233).

<sup>6</sup> Esta descrição deste ponto preciso da gramática do português distancia-se assim das propostas encontradas em Villalva (2000: 116 e ss.) e Mateus *et al.* (2003: 921 e ss.), que associam sistematicamente a terminação de cada forma flexionada ao constituinte temático dos nomes, dando origem a inúmeros casos em que o mesmo radical, com formas masculina e feminina dotadas de terminação diferente, é associado a constituintes temáticos diferentes (ex<sup>o</sup>: “*aluno - aluna*” – cf. Mateus *et al.*, 2003: 922).

*ras*”). Esta é a classe temática em que a VT é mais instável, visto deter uma realização sistemática apenas nas formas de masculino plural, estando ausente de numerosas formas de masculino singular e de feminino;

- (iv) nomes atemáticos. Pertencem a esta classe temática, principalmente, os nomes cuja forma de masculino singular (ou de feminino singular, na inexistência de masculino) termina em vogal oral tónica (“*café, tupi, rubi, peru, orixá*”), bem como os nomes com masculino singular paroxítono terminado em /ʃ/ (“*lápiz, pires, alferes, simples, ónus, ourives*”). No caso destas palavras, não se pode dizer, como o fazemos para algumas formas das palavras das classes temáticas anteriores, que a VT é, em algumas circunstâncias, suprimida, pois na verdade o que se admite é que estas palavras não prevêm, já no nível do seu tema teórico, uma especificação da VT, não sendo portanto inseríveis em nenhuma dessas classes temáticas (Câmara, 1970: 86).

*Aspectos morfológicos dos nomes com singular terminado em “-ão”*

Regressando agora ao caso mais específico das palavras de que aqui nos ocupamos, verificaremos que, aplicadas as generalizações mencionadas na secção anterior aos nomes cujo singular termina em “-ão”, eles se repartirão pelas classes temáticas dos nomes com VT *-o* (plural [ẽw̃ʃ]) e dos nomes com VT *-e* (plurais [õj] e [ẽj]), atendendo a que essas são as duas vogais que, em tais plurais, ocorrem imediatamente antes de /ʃ/<sup>7</sup>.

O quadro seguinte reúne alguns exemplos destas duas situações distintas.

**Quadro 1 – Exemplificação da repartição dos nomes com singular terminado em “-ão” pelas classes temáticas previstas por Câmara (1967; 1970; 1971)**

<b>Tema em -o (terminação no plural: [ẽw̃ʃ])</b>	<b>Tema em -e (terminação no plural: [õj]e [ẽj])</b>
<i>irmão - irmãos</i> <i>bênção - bênçãos</i> <i>órfão - órfãos</i> <i>mão - mãos</i> <i>cidadão - cidadãos</i>	<i>alemão - alemães</i> <i>pão - pães</i> <i>cão - cães</i> <i>serão - serões</i> <i>ladrão - ladrões</i> <i>beirão - beirões</i>

Estabelecida esta divisão dos nomes com singular terminado em “-ão”, impõe-se subsequentemente o estabelecimento de uma divisão suplementar, verificada no interior dos nomes com essa terminação no singular e que, de acordo com o exposto, são considerados como pertencentes à classe dos nomes com VT *-e*. Olhando aos exemplos do Quadro 1, verifica-se que, no último grupo referido, a vogal que ocorre antes da VT é,

<sup>7</sup> A identificação da VT *-o* ou *-e* nestas palavras parece mais imediata se olharmos sobretudo à sua representação ortográfica (conservadora, em português, da forma teórica e de aspectos morfofonológicos abstractos das palavras – cf. Veloso, 2003: 142). Com efeito, a nível fonético, a realização da VT destas palavras é determinada por um conjunto de variáveis que aqui não discutiremos e que determinam a imposição, ao nível fonético, de certas propriedades articulatórias que, de certa forma, podem contribuir para um “mascaramento” de superfície da VT: a nasalização e a semivocalização. Por este motivo, e dado o carácter teórico desta discussão, passaremos então a representar estas vogais como /E/ e /O/.

foneticamente, [ẽ] ou [õ]. Sendo estas vogais fonologicamente interpretáveis como a sequência de uma vogal oral e de segmento nasal teórico, de um autosssegmento nasal ou de um segmento flutuante (cf., p. ex.: Andrade, 1994: 134; Mateus & Andrade, 2000: 21-23, 72-73) – o que passaremos a representar como /aN/ e /oN/, respectivamente –, conclui-se que também a última vogal do radical flexional destas palavras apresenta duas possibilidades distintas de realização. Ou seja: relativamente às palavras com singular “-ão” que têm VT *-e*, haverá ainda que distinguir entre aquelas cuja última vogal do radical flexional é /o/ (plural [õj]), com uma forma teórica /oN<sub>Radical Flexional</sub>+EVogal Temática+SMorfema de Plural/) e aquelas em que a última vogal do radical flexional é /a/ (plural [ãj]), a que corresponderia uma forma teórica /aN<sub>Radical Flexional</sub>+EVogal Temática+SMorfema de Plural/).

Independentemente dos formalismos adoptados, esta é a representação teórica destas palavras assumida por diversos estudos anteriores, tais como, p. ex., Câmara (1967: 1313-1314; 1970: 90, 95-96; 1971: 60-61), Pardal (1977: 34), Morales-Front & Holt (1997: 418 e ss.), Mateus e Andrade (2000: 21-23, 72-73, 133) e Mateus *et al.* (2003: 1019-1020) (ainda que, no caso das três últimas obras citadas, a existência de uma VT /E/ nas palavras com os plurais [õj] e [ãj] não seja explicitamente reconhecida).

Deste modo, numa tentativa de identificarmos, ao nível da forma teórica dos temas destas palavras, os seus constituintes morfológicos, poderíamos isolar os três casos contemplados no Quadro 2.

**Quadro 2 – Estrutura interna teórica dos nomes com singular terminado em [ẽw]**

<p>(1) Palavras com VT <i>-o</i> (/O/). Terminação no plural: [ẽw]. Última vogal do radical flexional: /a/; Tema teórico: /aNO/. Ex<sup>o</sup>: <i>irmão</i>.</p> <div style="text-align: center;"> <p>Tema</p> <pre> graph TD     Tema --- Radical     Tema --- VT     Radical --- irmaN     VT --- O["/O/"]           </pre> </div>
<p>(2) Palavras com VT <i>-e</i> (/E/). Terminação no plural: [ãj]. Última vogal do radical flexional: /a/; Tema teórico: /aNE/. Ex<sup>o</sup>: <i>alemão</i>.</p> <div style="text-align: center;"> <p>Tema</p> <pre> graph TD     Tema --- Radical     Tema --- VT     Radical --- alemaN     VT --- E["/E/"]           </pre> </div>
<p>(3) Palavras com VT <i>-e</i> (/E/). Terminação no plural: [õj]. Última vogal do radical flexional: /o/; Tema teórico: /oNE/. Ex<sup>o</sup>: <i>sermão</i>.</p> <div style="text-align: center;"> <p>Tema</p> <pre> graph TD     Tema --- Radical     Tema --- VT     Radical --- sermoN     VT --- E["/E/"]           </pre> </div>

Os argumentos em favor das formas teóricas dos temas nominais propostas no Quadro 2 não se esgotam exclusivamente na sua extracção a partir da forma do masculino plural (ou, no caso de nomes defectivos desta forma, a partir do feminino plural). Tal como Pardal (1977: 29 e ss.) e Morales-Front & Holt (1997: 397), p. ex., consideramos um argumento bastante importante em sua defesa a existência de formas derivadas nas quais é preservada, ao nível da forma de superfície, a forma teórica da última vogal do radical prevista pela presente proposta e obliterada, em certas palavras, pela terminação [ɐw̃] do singular (vd. os casos sob (3) do Quadro 2), como é possível inferir a partir dos exemplos transpostos para o Quadro 3.

**Quadro 3: A preservação da última vogal (teórica) do radical nas formas flexionadas do plural e em formas derivadas**

Forma teórica do tema nominal	Formas do masculino	Formas derivadas com preservação da última vogal do radical
<b>1. Palavras com tema teórico /aNO</b>		
irmã <sub>N</sub> Radical+O <sub>VT</sub>	<i>irmão - irmã<u>os</u></i>	<i>irmã<u>nar</u>, irmã<u>ndade</u></i>
cidade <sub>N</sub> Radical+O <sub>VT</sub>	<i>cidadã<u>o</u> - cidadã<u>os</u></i>	<i>cidade<u>nia</u></i>
crisã <sub>N</sub> Radical+O <sub>VT</sub>	<i>crisã<u>o</u> - crisã<u>os</u></i>	<i>crisã<u>ndade</u></i>
<b>2. Palavras com tema teórico /aNE/</b>		
pã <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>pã<u>o</u> - pã<u>es</u></i>	<i>pã<u>nificação</u></i>
cã <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>cã<u>o</u> - cã<u>es</u></i>	<i>cã<u>nil</u></i>
capitã <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>capitã<u>o</u> - capitã<u>es</u></i>	<i>capitã<u>nia</u></i>
<b>3. Palavras com tema teórico /oNE/</b>		
serõ <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>serõ<u>o</u> - serõ<u>es</u></i>	<i>serõ<u>oar</u></i>
ladrõ <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>ladrõ<u>o</u> - ladrõ<u>es</u></i>	<i>ladrõ<u>agem</u></i>
camiõ <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>camiõ<u>o</u> - camiõ<u>es</u></i>	<i>camiõ<u>agem</u>, camiõ<u>nista</u></i>
leõ <sub>N</sub> Radical+E <sub>VT</sub>	<i>leõ<u>o</u> - leõ<u>es</u></i>	<i>leõ<u>nino</u></i>

### 3. A flexão das palavras com singular terminado em “-ão”: plurais irregulares ou singulares irregulares?

Como tentámos fazer ver ao longo do ponto 2, as terminações [ɐw̃ʃ], [ɐjʃ] e [õjʃ] nos plurais de nomes que, no singular, terminam em [ɐw̃] são absolutamente predizíveis a partir da forma teórica dos temas nominais respectivos. Tal forma teórica, ao contrário da forma etimológica que algumas descrições históricas referidas em 1 davam como explicação para estas três terminações plurais, afigura-se intuível pelos falantes da língua, nomeadamente a partir de certas formas derivadas que a preservam, como resumido no Quadro 3.

Assim, podemos identificar uma relativa isomorfia entre a representação teórica destas formas e a representação de superfície dos seus plurais, nomeadamente quanto à especificação da última vogal do radical e da VT, como pretendemos simbolizar nos exemplos do Quadro 4.

**Quadro 4 – Isomorfia entre formas teóricas e formas de superfície do plural em palavras terminadas em “-ão”**

<i>irmãos:</i>				
Forma teórica:	irmaN <sub>Radical Flexional</sub>	+O <sub>Vogal Temática</sub>	+S <sub>Morfema de Plural</sub>	
Forma de superfície:	irmã	+	o	+
				[j]
<i>capitães:</i>				
Forma teórica:	capitaN <sub>Radical Flexional</sub>	+E <sub>Vogal Temática</sub>	+S <sub>Morfema de Plural</sub>	
Forma de superfície:	capitã	+	e	+
				[j]
<i>sermões:</i>				
Forma teórica:	sermoN <sub>Radical Flexional</sub>	+E <sub>Vogal Temática</sub>	+S <sub>Morfema de Plural</sub>	
Forma de superfície:	sermô	+	e	+
				[j]

Consequentemente, e tomando uma posição inversa da que é corrente na tradição gramatical portuguesa, não nos parece aceitável ver nestes plurais formas excepcionais. Pelo contrário, manifestamos concordância com o ponto de vista de Morales-Front & Holt (1997), quando é afirmado que “[...] in spite of its surface array of manifestations, Portuguese pluralization is systematic and unitary at its root” (Morales-Front & Holt, 1997: 393).

Reperspectivando a questão, afirmaremos mesmo que, no tocante a estas palavras, as formas que apresentam alguma modalidade de excepcionalidade serão as formas do singular e somente nos nomes com VT *-e*. Em defesa desta nossa afirmação, invocaremos os dois argumentos principais que passamos a expor.

Em primeiro lugar, repetimos que, à exceção dos nomes com terminação singular “-ão” que pertencem à classe dos nomes com VT *-o* (p. ex., “irmão - irmãos”), a forma de superfície do singular não preserva a forma teórica do radical ou do tema da palavra, como se observa nos exemplos contidos nos Quadros 3 e 4.

Em consequência, nas palavras com singular terminado em “-ão” que pertencem à classe dos nomes com VT *-e* essa terminação do singular pode apresentar dois tipos de “excepcionalidade”:

- nas palavras cujo plural termina em [ẽj] (tema teórico: /aN<sub>Radical Flexional</sub>+E<sub>Vogal Temática</sub>/) – as quais, obedecendo ao padrão geral da formação do singular referido em 1 (cf. Câmara, 1970: 89 e ss.; 1971: 63-64), deveriam apresentar singulares terminados em /aN(E)/ (p. ex.: \**alemã(e)*, masc. sing.) –, a semivogal nasal [ẽ] encontrada, na maior parte dos dialectos da língua, em posição final absoluta

- da forma do masculino singular é morfológicamente imprevisível, por não corresponder à realização fonética esperada de /E/ em português (a menos que a considerássemos, nesta situação particular, uma *variante alomórfica* da VT nominal /E/)⁸;
- nas palavras cujo plural termina em [õj] (tema teórico: /oN<sub>Radical Flexional</sub>+E<sub>Vogal Temática</sub>/) – para as quais esperaríamos singulares terminados em /oN(E)/ (p. ex.: \**leõ(e)*”, masc. sing.) –, além da mesma falta de correspondência entre a terminação [w̃] e a VT *-e* destas palavras, nos termos explicados no parágrafo anterior⁹, verifica-se ainda uma falta de correspondência entre a última vogal do radical teórico (/o/) e a vogal nasal [ẽ] encontrada em [ẽw̃].

Em conclusão, e reiterando um ponto de vista já expresso anteriormente, a irregularidade morfológica destas palavras parece ser a que se encontra na terminação [ẽw̃] do singular nas palavras com VT *-e*, devido à sua falta de correspondência directa com as formas teóricas dos radicais e temas correspondentes. Trata-se, com efeito, de uma terminação que, além das incorrespondências discutidas nos parágrafos precedentes, é *morfologicamente inanalísável*, na medida em que não permite, no seu interior, a marcação de fronteiras entre constituintes morfológicos importantes como o radical flexional e a VT.

#### *Causas históricas para a irregularidade da terminação [ẽw̃]*

A fixação da terminação “-ão” nas palavras com temas teóricos /aNE/ e /oNE/ corresponde, na verdade, ao resultado histórico de um processo de “*sobrerregularização*” que se terá consumado ainda antes do final do século XV (Vázquez Cuesta & Luz, 1971: 188; Teyssier, 1980: 46) e que terá sido determinado por causas essencialmente *analógicas* (segundo Câmara, 1971:61) ou, conforme defendido em Teyssier (1980:46), por uma interacção de causas fonéticas intrínsecas com factores analógicos.

Estas formas, sendo distintas no português contemporâneo apenas ao nível das formas teóricas, das formas de plural e das formas derivadas, terão sido porém, segundo os historiadores da língua atrás referidos, foneticamente distintas nas formas de superfície do singular até ao século XV<sup>10</sup>.

Por outro lado, há que referir que este processo de “imposição” da terminação [ẽw̃] a *todos* os nomes com tema teórico /aNO/, /aNE/ ou /oNE/ é típico e exclusivo dos dialectos centro-meridionais do português apenas. Com efeito, noutras línguas românicas, bem como em vastas áreas abrangidas pelos dialectos setentrionais do português europeu (Cintra, 1971: 133; Vázquez Cuesta & Luz, 1971: 55, 61; Teyssier, 1980: 47; Fer-

<sup>8</sup> Por esta razão, Mateus e Andrade (2000: 133) consideram que, em palavras como “irmão” (palavras em que [w̃] é a realização fonética de uma vogal temática “nasalizada”), o ditongo corresponde a duas posições esqueléticas na palavra (ocupadas por [ẽ] e [w̃] separadamente); pelo contrário, nas restantes palavras terminadas em “-ão”, [w̃], não correspondendo a uma realização esperada da VT, não é associado a nenhuma posição esquelética em separado, cabendo ao ditongo uma única posição esquelética. Este é, de resto, um dos argumentos invocados pelos autores para distinguirem entre ditongos “*leves*” (com uma só posição esquelética) e ditongos “*pesados*” (com duas posições esqueléticas), em Mateus e Andrade (2000: 55-57).

<sup>9</sup> Vd. também a nota anterior.

<sup>10</sup> A subsistência, a nível dos registos escritos, da terminação gráfica “-om” a partir do século XV é entendida por Vázquez Cuesta & Luz (1971: 188) como um arcaísmo.

reira *et al.*, 1996: 495), subsistem, nas variedades contemporâneas, terminações de formas de singular mais conformes à sua forma teórica, mais precisamente com uma maior preservação da última vogal do radical e/ou da VT.

Relativamente à situação verificada noutras línguas românicas, esta afirmação é ilustrada pelos exemplos incluídos no Quadro 5, no qual são comparadas diversas palavras em português, castelhano e italiano.

**Quadro 5: Comparação de algumas palavras em português, castelhano e italiano com étimos latinos comuns**

Português	Castelhano	Italiano
<b>1. Palavras com tema teórico /aNO/ em português</b>		
<i>mão</i> <i>crístão</i>	<i>mano</i> <i>crístiano</i>	<i>mano</i> <i>crístiano</i>
<b>2. Palavras com tema teórico /aNE/ em português</b>		
<i>pão</i> <i>cão</i>	<i>pan</i> <i>can</i> (ant. ou lit.)	<i>pane</i> <i>cane</i>
<b>3. Palavras com tema teórico /oNE/ em português</b>		
<i>ladrão</i> <i>leão</i>	<i>ladrón</i> <i>león</i>	<i>ladro, ladrone</i> <i>leone</i>

Relativamente à situação atestada em grande parte dos dialectos setentrionais do português europeu, verifica-se que, ao contrário dos dialectos centro-meridionais, os primeiros contemplam, no estágio actual da língua e no tocante aos nomes com tema teórico /oNE/, uma quantidade elevada de palavras que preservam a forma teórica destes temas nominais, o que se torna patente em formas como [lɐ'drõw] ("*ladrão*") e [li'õw] ("*leão*"), p. ex., com uma estrutura fonológica e uma realização fonética próximas das correspondentes palavras do castelhano e do italiano (vd. Quadro 5)<sup>11</sup>.

Como refere Teyssier (1980: 47), também nestes dialectos se verificou, na verdade, uma confluência fonética de terminações que teoricamente correspondem a estruturas abstractas distintas, na medida em que, para as palavras com singular "*-ão*" com os temas teóricos /aNO/ e /aNE/, não foram mantidas terminações distintas (como foram nas palavras correspondentes do castelhano e do italiano, de acordo com o Quadro 5), tendo-se fixado a terminação fonética [õw] para todos os singulares de /aNO/, /aNE/ e /oNE/ (da mesma forma como, nos dialectos centro-meridionais, a terminação [õw] se impôs indistintamente em todos os singulares dessas mesmas formas teóricas<sup>12</sup>).

<sup>11</sup> Esta situação, como deixámos implícito no próprio texto, não se verifica na totalidade da área genericamente pertencente aos dialectos setentrionais. Como reconhecido, p. ex., em Ferreira *et al.* (1996: 495), trata-se de uma marca típica da área subdialectal do Baixo Minho e Douro Litoral.

<sup>12</sup> No entanto, e em nosso entender, merece um aprofundamento futuro a co-existência, em dialectos setentrionais do português, das terminações [ãw] e [õw], empiricamente constatada pelo autor deste trabalho. Representará esta coexistência uma forma de sobrevivência da antiga distinção entre formas de tema teórico /aNO/ e /oNE/? Será possível encontrar, no estágio actual da língua, falantes que continuem a preservar, através das terminações distintas [ãw] e [õw], a distinção /aNO/ vs. /oNE/? Iguamente digna de investigação futura nos parece a questão da produção destas terminações, em alguns dialectos seten-

Desse modo, a terminação [õw̃] presente em alguns dialectos setentrionais da língua, embora conserve o tema teórico /oNE/ (perdido nas formas de superfície dos dialectos centro-meridionais terminadas em [ẽw̃]), apresentaria irregularidades morfológicas comparáveis à da terminação [ẽw̃], nos termos atrás expostos: em primeiro lugar, por não assegurar, nas palavras de tema em /aNO/ e /aNE/, a preservação da correspondente forma teórica do tema; em segundo lugar, por tal terminação apresentar, ao nível da realização de superfície, uma semivogal final [w̃] que, no caso das palavras com VT -e, não corresponde a uma realização fonética esperada de um segmento teórico /E/ (o que se verifica também, como foi dito, na terminação [ẽw̃])<sup>13</sup>.

#### 4. Observações finais e questões em aberto

Nas páginas precedentes, tentámos defender o ponto de vista segundo o qual, e contrariamente ao que é corrente encontrarmos nas descrições gramaticais do português, a existência de três terminações plurais para os nomes cujo singular termina em “-ão” não representa uma irregularidade na morfologia da língua, já que tais plurais se tornam em nosso entender predizíveis a partir da reconstituição da forma teórica das palavras em causa. Como afirmámos também, esta forma teórica parece-nos recuperável pelos falantes do português a partir de certas formas flexionais e derivacionais das palavras (e também, podemos dizê-lo, a partir de certas comparações dialectais). Concomitantemente, defendemos que a excepcionalidade destas palavras se verifica nas formas do singular e não nas formas do plural.

De fora do âmbito deste estudo ficou o tratamento de algumas questões que teriam merecido um outro aprofundamento. De entre estas, salientamos desde já as seguintes, deixando expresso o objectivo de futuramente nos determos sobre os aspectos que elas implicam:

- o lugar da nasalidade destas formas, que, diversamente do que se verifica noutras línguas românicas, assume um carácter autossegmental *flutuante*, podendo ser foneticamente associado quer ao Núcleo silábico (nas terminações [ẽw̃] e [õw̃], p. ex.), quer à posição de Ataque (em formas como “irmanar” ou “camionista”, p. ex.) – cf. estudos anteriores, como, entre outros, Andrade (1994: 131-138) e Mateus & Andrade (2000: 72-73, 130-134);
- a pertença temática de palavras com singular “-ão” que admitem, no português contemporâneo, mais do que um plural (vd. os exemplos referidos em 1, tais como “*bortelão - bortelões - bortelões*”);
- o caso particular das palavras com terminação “-ção” ou “-são” (plural: “-ções/-sões”; ex<sup>OS</sup>: “*contorção - contorções*”; “*acção - acções*”; “*excursão - excursões*”; “*visão - visões*”). Além de constituírem, com frequência, um caso muito particular de nomes com VT -o sem forma de masculino, a sua forma teórica parece incluir, a seguir à fricativa alveolar de [sẽw̃] (ou [zẽw̃]), uma vogal alta anterior que, embora excluída das formas derivantes, se encontra sistematicamente presente nas formas derivadas (ex<sup>OS</sup>: “*contorcionismo*”, “*accionista*”, “*excursionista*”,

trionais, com uma vogal (“epentética”) final [i] (p. ex.: [lɐˈdrõw̃i]). Poderá esta vogal final ser um resquício da VT que é suprimida, na maior parte dos dialectos, da terminação [ẽw̃]?

<sup>13</sup> Vd. nota 8.

“*visionário*”). Com efeito, a aplicação a estas palavras de argumentos atrás expostos relativos à reconstituição das formas teóricas das palavras terminadas em “-ão” (vd., nomeadamente, as secções 2 e 3 deste artigo) leva-nos a supor, para estas palavras, a existência de formas teóricas com uma terminação /sioNE/ (ou /zioNE/). Na terminação [sẽw̃] (ou [zẽw̃]) das formas de superfície destas palavras verificar-se-ia, por conseguinte, não só o “mascaramento” da última vogal do radical (nos dialectos centro-meridionais) e a introdução, ao nível dos segmentos fonéticos, de uma semivogal [w̃] que não corresponde a uma posição de esqueleto (Mateus e Andrade, 2000: 133)<sup>14</sup>, como também o apagamento da vogal “teórica” /i/ antes da última vogal do radical, mantida em formas derivadas como as acima mencionadas e preservada, numa perspectiva comparativa, noutras línguas românicas, como o castelhano e o italiano (vd. exemplos como cast. “*acción*” e it. “*azione*”).

---

<sup>14</sup> Vd. novamente a nota 8.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Ernesto d' (1994), *Temas de Fonologia*, Lisboa, Colibri.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1967), “A note on Portuguese noun morphology”, in *To Honor Roman Jakobson. Essays on the Occasion of His Seventieth Birthday*, 11 October 1966, The Hague/Paris, Mouton, vol. II, pp. 1311-1314.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1970), *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis, Vozes [19ª ed., 1989].
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1971), *Problemas de Lingüística Descritiva*, Petrópolis, Vozes [13ª ed., 1988].
- CARSTAIRS-MCCARTHY, Andrew (1998), “Paradigmatic Structure: Inflectional Paradigms and Morphological Classes”, in Spencer, Andrew & Arnold M. Zwicky (eds.), *The Handbook of Morphology*, Oxford, Blackwell, pp. 322-334.
- CHOMSKY, Noam e HALLE, Morris (1968), *The Sound Pattern of English*, New York, Harper & Row.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1971), “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, in *Boletim de Filologia*, XXII, pp. 81-116. Reproduzido in Cintra, Luís F. Lindley, 1983, *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, pp. 117-163.
- Costa, João (2001), *Gramática, Conflitos e Violações. Introdução à Teoria da Optimidade*, Lisboa, Caminho.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa [7ª ed., 1990].
- FERREIRA, Manuela Barros *et al.* (1996), “Variação linguística: perspectiva dialectológica”, in Faria, Isabel Hub *et al.* (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 479-502.
- KAGER, René (1999), *Optimality Theory*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MATEUS, Maria Helena e D'ANDRADE, Ernesto (2000), *The Phonology of Portuguese*, Oxford, Oxford University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. rev. e aum., Lisboa, Caminho.
- MORALES-FRONT, Alfonso e HOLT, D. Eric (1997), “On the interplay of morphology, prosody and faithfulness in Portuguese pluralization”, in Martínez-Gil, Fernando & Alfonso Morales-Front (eds.), *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, Washington DC, Georgetown University Press, pp. 393-437.
- PARDAL, Ernesto d'Andrade (1977), *Aspects de la phonologie (générative) du portugais*, Lisboa, INIC.
- TEYSSIER, Paul (1980), *Histoire de la langue portugaise*, Paris, Presses Universitaires de France. Trad. port. de C. Cunha: *História da Língua Portuguesa*, 4ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1990.
- VASCONCE(L)LOS, J. Leite de (1966), *Lições de Filologia Portuguesa*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e MENDES DA LUZ, Maria Albertina (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70 [reimp. de 1989 da trad. port. da 3ª ed. espanhola].

- VELOSO, João (2003), *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- VILLALVA, Alina (2000), *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.